



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



MARIA DA GLÓRIA ARAÚJO SILVA OLIVEIRA

**APRENDENDO COM AS FLORES: MINHAS MEMÓRIAS DE
ESTUDANTE E PROFESSORA EM ITAMIRA E JI-PARANÁ**

Ji-Paraná/RO
2017

MARIA DA GLÓRIA ARAÚJO SILVA OLIVEIRA

**APRENDENDO COM AS FLORES: MINHAS MEMÓRIAS DE
ESTUDANTE E PROFESSORA EM ITAMIRA E JI-PARANÁ**

Memorial apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade à distância, da Universidade Federal de Rondônia [UNIR], em parceria com a Universidade Aberta do Brasil [UAB] e com o Polo de Ji-Paraná, como Pré-requisito para a conclusão do Curso, sob a orientação do Prof.(a) Msa.Gicele Sucupira Fernandes.

Ji-Paraná/RO
2017



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIRED
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



MARIA DA GLÓRIA ARAÚJO SILVA OLIVEIRA

**APRENDENDO COM AS FLORES: MINHAS MEMÓRIAS DE
ESTUDANTE E PROFESSORA EM ITAMIRA E JI-PARANÁ**

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação.

Profa. Dra. Márcia Machado de Lima
Chefe do Departamento de Ciências da Educação

Professores que compuseram a banca:

Presidente: Profa. Mas. Gicele Sucupira Fernandes

Membro: Prof. Dr. Wendell Fiori de Faria

Membro: Prof. Dr. Carlos Alexandre Barros Trubiliano

Ji-Paraná/RO
2017

Dedico esse Memorial ao meu esposo Luiz e aos meus filhos: Thales, Lucas e Allana, às minhas netas: Ana Clara, Laura e Maria Cecília. Todos fizeram parte da minha inspiração nessa trajetória vitoriosa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, minha fortaleza, pela oportunidade de poder fazer o curso de pedagogia que tanto sonhei.

Minha família, meu bem maior, pelo apoio, e incentivo que sempre me deram no decorrer desses anos.

Aos tutores, que nos deram as orientações necessárias e incentivo; aos colegas pelas alegrias e pelas parcerias.

À Marilene Momo, assistente social, que segurou firme o trabalho na minha ausência.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
1. EXEMPLO DE VIDA: MINHA MÃE, DONA FLOR	9
2. MAGISTÉRIO: GRANDE ESPERANÇA.	12
3. INÍCIO DA MINHA CARREIRA DOCENTE	14
4. FORMAÇÃO ACADÊMICA: GRANDE DESAFIO	17
5. MINHA CARREIRA DOCENTE, EM RONDÔNIA	19
6. UMA GRANDE CONQUISTA ESPERADA	22
7. PEDAGOGIA: MAIS CONHECIMENTOS PARA IR ALÉM	24
7.1. ESTAGIO EM PEDAGOGIA	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31

APRESENTAÇÃO

“Quem supera vence”

Goethe

Escrever a trajetória da minha vida estudantil, profissional e acadêmica é trazer para o presente os caminhos que trilhei e que permanecerão em minha memória. Neste trabalho trata-se de um memorial e que, portanto, resulta de um relato da minha trajetória de mulher, estudante e educadora. Revelarei a memória de uma história de vida que me ensinou superar desafios.

É inerente a este trabalho referências a autores e teóricos que me ajudaram a fundamentar a construção do meu conhecimento pessoal. Algumas questões ilustrativas e importantes nessa caminhada em busca de sonhos, portanto, não poderiam ser relatados sem lembrar-me de Galeano (2013) quando alerta que “A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”

Destaco, com muito orgulho, a presença honrada e brilhante da minha mãe, que foi um exemplo de grande educadora, embora não letrada, porém cheia de sabedoria. Lutou para dar formação aos seus filhos. Faço nesse memorial uma descrição da educação que recebi e minha trajetória, contextualizando as épocas em que vivi cada realidade.

Saliento que tive uma educação escolar tradicional, ou seja, o professor sabia tudo e o aluno nada sabia. ‘O aluno era visto como uma tábula rasa, ou seja, o aluno, o aprendiz, não tem poder algum. O “poder” está totalmente nas mãos da figura do professor. O professor é a potência e o aluno a impotência. Há uma hierarquia clara. Uma relação de poder unilateral. Qualquer rebeldia é punida’. (OGURA, 2015, p.3).

Essa forma de educação que ressalta Ogura, marcou meus primeiros anos escolares. Deixou marcas profundas. Tinha dez anos quando tive a oportunidade de ir para a escola pela primeira vez e vivenciar um tempo em que a educação brasileira era mantida “engessada e acabada”. Uma prática educacional diferente do pensamento de Freire (2010), quando relata a importância do docente dialogar com os alunos sobre a realidade concreta em seu entorno e o mundo atual.

Será possível evidenciar também nesse memorial o relato das observações e da regência da disciplina de estágio, momento esse que foi possível observar que muitas crianças tinham certo grau de carência afetiva ou de abandono social e familiar.

Essa situação chamou a minha atenção e ocasionou uma aproximação com as mesmas, criando assim um vínculo de carinho e amizade com elas, que interpreto como um entendimento da minha não neutralidade como educadora. Isso me faz lembrar de Freire (2010), que em seu pensamento, expressou que de nada adianta ao educador, à educadora, bem como a toda cidadã e todo cidadão, constatar fatos, denunciar situações, sem que assumam, para si mesmos, os destinos da história e da própria educação.

Por isso, ele sempre insistiu na necessidade de que o processo educacional contribua para que cada pessoa se reconheça sujeito da história, compreendendo criticamente o seu “estar sendo no mundo” e sendo capaz de “reescrever o mundo”, de agir para transformar. Em diálogo com este autor, tecerei nas próximas páginas as minhas travessias, o que é uma honra e é muito gratificante, pois todas elas me deram impulso para caminhar mais firme e esperançosa. Colocaram-me adiante da realidade.

1. UM EXEMPLO DE VIDA: MINHA MÃE, DONA FLOR

Por que era que eu estava procedendo à-toa-assim? Senhor, sei? O senhor vai pondo seu perceber. A gente vive repetido, o repetido, e, escorregável, num minuto, já está empurrado noutra galho. Acertasse eu com o que depois sabendo fiquei, para de lá de tantos assombros.... Um está sempre no escuro, só no último derradeiro é que clareiam a sala. Digo: o real não está na saída nem na chagada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia. (Guimarães Rosa).

Nasci, em Boa Nova, Bahia, na década de 50, sertão árido, sofrido. Sempre faltava água por lá na época da estiagem, que era por um tempo bem prolongado. Nesse período da seca era preciso ir buscar água em um local bem distante. Então a Dona Flor, minha mãe, arrumava uns jegues (animais de carga do sertão nordestino) para irmos buscar água. Sempre dava certo e conseguíamos trazer água. Foi uma vida cheia de dificuldades.

A minha mãe Floripes, conhecida por Dona Flor, era uma mulher muito cuidadosa com os seus filhos. Era muito preocupada com a situação da seca que assolava a região do Sertão da Bahia e com a falta de escola.

Ela não teve acesso à escola, era analfabeta, mas era cheia de entusiasmo e fé. Sempre falava que queria dar uma vida melhor para os seus filhos. Carregava com muita determinação o propósito de dar formação para os seus filhos. Com certeza ela pensava que a nossa realidade poderia ser diferente somente pelo processo educacional, ela sempre teve uma sabedoria fantástica.

Nessa perspectiva, ela, sem ser letrada, já entendia que a educação passa a ter sentido ao ser humano porque o seu existir se caracteriza como possibilidade histórica de mudanças: “Somos ou nos tornamos educáveis porque, ao lado da constatação de experiências negadoras da liberdade, verificamos também ser possível a luta pela liberdade e pela autonomia contra a opressão e o arbítrio” (FREIRE, 2010, p. 121).

Já meu pai João não tinha muita preocupação como a minha mãe, mas sempre estava de bem com a vida. Minha mãe falava sobre ir embora para o Espírito Santo, onde moravam os seus irmãos. Ir para Itamira, Município de Mucurici, pois sabia que lá era melhor para se viver. Até que chegou o momento certo e fomos.

Chegando lá em Itamira, em 1962, a minha mãe procurou escola para todos nós, mas os dois mais velhos não permaneceram na escola. Eles ficaram pouco tempo, não se adaptaram porque já eram grandes (moça e rapaz) e não se sentiram bem acolhidos aos colegas menores. Isso a deixou muito triste porque ela não teve acesso à escola e repetia sempre que os seus filhos precisavam estudar. Os dois que desistiram conseguiram aprender a ler e a fazer uma carta com letra de forma. Dona Flor dizia “quem não sabe ler e escrever é cego”. Ela sabia algo que já era teoria científica, fora da escola não há transformação.

Tudo foi dando certo e continuamos firmes na escola. Todos nós ficamos felizes de morar ali naquela região tão promissora. O meu irmão mais velho certa vez disse: “isso aqui é um céu”. Todos vivíamos felizes, embora com muita luta da minha mãe e do meu pai. Assim prosseguimos. O que me instigava era ver a determinação da minha mãe tomando providências para os filhos não pararem de estudar. Ela sempre repetia que não queria ver os seus filhos sofrerem. Mulher que carregou uma coragem e uma fé tão grande e sempre acreditou em dias melhores.

Comecei a minha vida estudantil nesse lugarejo de Itamira. Lugarzinho pacato, bem bonito. A escola e a igreja ficavam na pracinha que era bem arborizada e toda gramada. Eu, já com 10 anos, iniciei meus estudos, mas tive um impacto grande que foi muito assustador. A professora utilizava técnicas de repressão, castigo em grãos de milho e feijão, uso da palmatória, vara e gritos enquanto batia sobre a mesa.

A escola então refletia os tempos de trevas. Não tive sucesso. Não fui aprovada. A palmatória e a vara me deixavam acuada, com medo e não conseguia aprender. Além disso, também eram utilizadas as cartilhas. O ABC e a tabuada tinham que ser decorados. Nessa época, mais ou menos 1964, as duas professoras da escola não tinham formação específica para a docência, tinham o “Curso primário”, como era chamado o Ensino Fundamental. Fui aluna de uma escola durante a ditadura Militar.

No auge de todas as mazelas e arbitrariedades dessa ditadura cheguei à escola. A escola refletia a barbárie das estruturas sociais, no sentido que adverte Paulo Freire

A estrutura social é obra dos homens e que, se assim for, a sua transformação será também obra dos homens. Isto significa que a sua tarefa fundamental é a de serem sujeitos e não objetos de transformação, tarefa que lhes exige, durante sua ação sobre a realidade, um aprofundamento da sua tomada de consciência da realidade, objeto de atos contraditórios daqueles que pretendem mantê-la como está e dos que pretendem transformá-la (FREIRE, 2002, p. 48).

Quase que inconsciente eu lutava contra isso e talvez a minha arma maior era o não aprender, para não legitimar ou não reproduzir aquela metodologia de ensinar que deixava o estudante sem autonomia para criar os seus pensamentos e até desrespeitado. Não existia entendimento do conteúdo e sim memorização, contrariando o que afirma o grande educador Freire (2010, p. 62): “aprender a ler e escrever não significa a memorização de sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre esse processo e sobre o verdadeiro significado da linguagem.” Diferente disso, o aluno na minha época era um mero receptor de informações prontas, um ser sem vez, sem voz. O seu pensamento não era aceito em sala de aula, pois a professora não permitia que o aluno fizesse algum questionamento. O aluno tinha que ouvir e calar.

O início da minha trajetória não foi fácil, mas eu podia sentir a alegria de saber que estava em uma escola, apesar de ser repressora e engessada. A minha mãe sempre nos incentivava a não desistirmos da escola, como muitos desistiam, principalmente aqueles que vinham da zona rural para Itamira. Devido à distância para chegar até a escola na cidadezinha,

muitos desistiam, preferiam ficar na zona rural e cuidar das lavouras e de gado. Muitos entregavam leite para os caminhões levarem para os laticínios

O desânimo é uma pedra nessas lutas, porém eu tinha o meu exemplo, Dona Flor, que não deixava o desânimo me sucumbir. Continuei a estudar e nos anos seguintes já chegavam novos professores para a cidadezinha. Todos com formação em magistério. Então a forma de ensinar passou a ser um pouco mais dinâmica e alegre e assim despertava entusiasmo nos alunos. A partir daí aprendi a ler no ano seguinte, evolui bastante e não reprovei mais. A cada dia estava melhor na escola, tinha dificuldade em matemática, mas fui superando. Concluí a 8ª série em 1971. Houve uma grande festa de formatura, fomos os primeiros alunos da escola a concluir a 8ª série e eu fui escolhida para ser oradora da turma.

Naquela época, a escola de Itamira tinha somente até a 8ª série. Por isso, muitos não davam continuidade aos estudos, paravam ali. A minha mãe começou a pensar como eu poderia continuar a estudar, foi quando ela fez contato com a sua irmã que morava em Montanha, uma cidade maior, que tinha boas escolas e para lá fui eu estudar. Alguns colegas não tiveram a oportunidade de continuarem estudando porque dependiam de sair de Itamira e procurar um lugar que tivesse o Ensino Médio. Mas a minha mãe sempre me fortaleceu com palavras animadoras e me ajudou a seguir em frente. Talvez essa foi a maior ação educativa feita por alguém não letrado. Ela era uma visionária.

2. MAGISTÉRIO: GRANDE ESPERANÇA.

Em 1972 entrei no Colégio Nossa Senhora Aparecida, da cidade de Montanha no Espírito Santo. O Colégio era dirigido por freiras da Congregação Monte Calvário. Fui fazer o Curso Normal, que era o Magistério do 2º grau. Só era cobrada uma taxa de matrícula. Tinha um quadro de professores excelente. Lá só estudavam mulheres. Mas o quadro de professores era misto, homens e mulheres. A arquitetura do colégio era belíssima, incluindo uma capela, na qual todo mês havia uma linda celebração para todos.

Esse curso me proporcionou grandes reflexões para a minha carreira profissional. Foi lá que realmente me identifiquei com a docência e percebi que deveria escolher ser educadora como um projeto de vida. Entendi nesse período que eu também não escaparia da educação no sentido de Brandão:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (BRANDÃO, 1981, p. 1)

Eu decidi aprender e ensinar. A partir daí, comecei a ter um olhar mais reflexivo durante os meus estudos. Para minha prática pedagógica, todavia precisava de uma boa formação. Desde o Curso Normal, pude refletir sobre a minha carreira como docente, e construí-la, não queria ser apenas uma transmissora de conteúdo, e sim uma professora preparada para apresentar propostas, elaborar planejamentos, interagir melhor na minha carreira profissional. Aprendi a trabalhar em grupo, usar a criatividade para apresentar algumas dinâmicas. O conhecimento já apresentava mudanças significativas na minha vida.

Nesse período em que cursava o normal conheci Dorinha, minha prima. Ela gostava de ler, sempre estava lendo um livro e comentando. Tivemos uma boa amizade que nos proporcionava muita interação sobre os nossos estudos. Eu, ao contrário, cresci sem ter acesso aos livros. A Dorinha então me incentivava às leituras. Eu lia muito pouco, mas a vendo ler, me fez aprender a ter o gosto de ler também, principalmente quando a escola pediu para ler o livro O Pequeno Príncipe. Amei! Ainda devo ter algumas páginas amarelas guardadas do livro baseado na história do Pequeno Príncipe, porque o desenho do príncipezinho, da raposa e do planeta ficaram bem bonitos e os guardei com carinho. Extraí alguns trechos do livro que até

hoje não saem da minha memória: “Foi o tempo que perdeste com a tua rosa, que fez tua rosa tão importante [...] Tu te tornas eternamente responsável por tudo aquilo que cativas. [...] O essencial é invisível aos olhos, é preciso buscar com o coração”... Tantos outros trechos.

Assim, fui me inteirando sobre esse mundo letrado cada vez mais no meu curso do magistério, sempre colocando em prática as teorias recebidas. Segundo a nossa professora de Didática o meu estágio foi muito bom. Realizei o estágio na 4ª série da Escola Eupídio Campos de Oliveira. A minha professora, ao final do estágio, disse que eu tinha uma voz boa de ouvir. E aí eu imaginei e olhei meu passado, lembrando daquela menininha tão baixinha buscando água de jegue no sertão baiano, era eu. Como disse o tenista Fernando Meligeni num vídeo apresentado por uma professora durante o curso de Pedagogia: “Nunca fale que uma pessoa não pode ser alguma coisa”. Por isso, digo que toda pessoa é capaz quando ela tem determinação e foco.

Finalmente, em 1974, terminei o Magistério e voltei para o vilarejo de Itamira em 1975 como professora normalista, recém-formada e cheia de vontade de dar aula.

3. INÍCIO DA MINHA CARREIRA DOCENTE

Ao retornar para minha casa em Itamira, me estabeleci com a minha família, atuando na minha linda profissão, construindo a minha vida profissional. Logo que cheguei fui convidada para dar aula no Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Então fui trabalhar com alfabetização de um grupo de adultos. A minha mãe, dona Flor, fazia parte do grupo.

As aulas eram sempre à noite com duração de uma hora e meia. Todos tinham o material enviado pela secretaria de Estado da Educação do Estado. Era um livro bem ilustrado com textos curtos e simples. A dinâmica era assim: por exemplo, no livro tinha uma ilustração de um tijolo e todos iam conversar sobre aquele objeto, falar da sua utilidade para as construções. Depois aprendiam a família silábica daquela palavra ta, te, ti, to, tu e na sequência já aprendiam que juntando o te + to ia formar a palavra teto e assim por diante. É bom lembrar que

a ideia do MOBREAL encontra-se no contexto do regime militar no Brasil, iniciado em 1964, cujo governo passa a controlar os programas de alfabetização de forma centralizada. Até então, duas décadas antes, a reflexão e o debate em torno do analfabetismo no país convergiam para a consolidação de um novo modelo pedagógico. Nesse modelo, o analfabetismo era interpretado como efeito de uma situação de pobreza gerada por uma estrutura social não igualitária e, sendo assim, a educação e a alfabetização deveriam partir de um exame crítico da realidade existencial dos educandos, da identificação das origens de seus problemas e das possibilidades de superá-los. Os programas de alfabetização orientados neste sentido foram interrompidos pelo golpe militar, porque eram considerados uma ameaça ao regime, e substituídos pelo Mobral. Dessa forma, muitos dos procedimentos adotados no início da década de 60 foram reproduzidos mas esvaziados de todo senso crítico e problematizador. (BRANDÃO; MENEZES, 2001, p.01)

Vale lembrar que a pedagogia de Paulo Freire, pela criticidade desse educador que não concebia outro modelo de liberdade que não fosse pela escola e pelo conhecimento, nasceu nesse período dos anos sessenta. A Educação Popular que ele apresentava se articulava à ação política junto aos grupos populares: intelectuais, estudantes, pessoas ligadas à igreja católica e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB. A realidade política e social da época isso não me impediu de acreditar numa educação libertadora. Creio que muitos educadores mesmo nos alicerces sombrios da ditadura, conseguiram fazer imprimir uma educação diferenciada, acreditando que o discente é capaz.

Lembro-me de uma atividade na cartilha que tinha a foto de uma família assistindo TV e um dos membros com um rádio de pilha, o desenho de um rádio e a sequência; ra, re, ri, ro, ru. Esse capítulo tinha o seguinte texto: “É sábado, a família vê televisão, Rui ouve o rádio.” Hoje eu reflito, após toda uma formação consistente e vejo que era algo desprovido de reflexão crítica. Lembro-me hoje disso e percebo o quanto caminhei desse processo de educação.

Os conteúdos do material didático enfatizavam as questões comunidade, à Nação e a consolidação de hábitos e atitudes baseados na moral cristã atribuindo valor positivo à pátria, à família e a religião. Nessa lógica, a educação foi um veículo importante para difundir determinados valores tais como: passividade, ordem, fé, “liberdade com responsabilidade” e patriotismo. Como tentativas de homogeneizar valores e ações favoráveis ao projeto empreendido pelos segmentos sociais que governavam o país durante a Ditadura Militar. (NUNES; REZENDE, 2008, p. 22)

Não era uma aprendizagem para a “emancipação e autonomia”. Além desse contexto escolar, as dificuldades eram muito grandes. Tinha que ter muita paciência, porque a aprendizagem era lenta, mas eles tinham vontade de aprender a ler. Isso era o que achavam importante, mas estava longe de uma educação crítica.

Alguns estudantes com muita dificuldade chegavam a furar o caderno com a ponta do lápis, principalmente, uns senhores que tinham as mãos bem calejadas, que não conseguiam pegar o lápis com facilidade, pois tinham muitos calos nas mãos, devido trabalhos pesados. Outros não enxergavam bem, mas todos queriam aprender pelo menos o nome e ler um pouco. Todos aprenderam fazer o seu nome.

A Dona Flor também conseguiu, aprendeu fazer o seu nome e ler pequenas frases e numerais. Para mim e para ela foi uma grande vitória. Foi uma forma de gratidão poder alfabetizar a minha mãe. E naquele tempo, década de 70, com sinceridade, aqueles adultos que aprenderam fazer o seu nome, ficaram bem agradecidos e felizes, todavia a escola não podia fazer mais além do que ensinar a decodificar. O objetivo era que a escola mantivesse a situação vigente.

Na época ser professora era status. Todos me olhavam com “bons olhos”. Passei a ser um referencial para a juventude e nesta perspectiva, formei um grupo de jovens bem atuante na comunidade. Fazíamos piqueniques, momentos dançantes e teatro na pracinha. Fui sempre

melhorando como docente, lembrando sempre que o indivíduo é capaz de saltar o “sarrafo”¹, ultrapassar as barreiras, ir mais além, tem que tentar, não desanimar e seguir em frente.

Para isso, eu como a professora, o exemplo, precisava aprofundar mais e também ir mais além. Precisava buscar os conhecimentos para aprimorar e melhorar as minhas práticas pedagógicas.

Sempre tive consciência de que educador não deve ensinar apenas os conteúdos, mas também ensinar a pensar, “que esse pensar é a capacidade de atuar no mundo transformando-o, de conhecer o mundo, é não estar demasiado certo de nossas certezas” (FREIRE, 2010, p. 49). Sempre tive a consciência do meu “inacabamento”. “Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento.” (FREIRE, 2010, p. 50)

Aos poucos fui vencendo etapas, acreditando que eu poderia ser uma professora mais preparada, mais dinâmica para encarar os desafios e, entendendo também que a escola é o lugar de aprender a conviver em sociedade. Prossegui a minha trajetória sempre buscando ter boas relações com os meus alunos e a comunidade, o que facilitava o diálogo e com o diálogo era possível resolver várias questões entre alunos, entre os colegas professores e entre a comunidade.

Lembro de quando trabalhei com alfabetização em Itamira, logo que cheguei em 1975. Trabalhava a noite com o Mobral e de manhã com alfabetização infantil. Havia uma aluna, Neidinha, que teve muita dificuldade de aprender a fazer o numeral 2. Ela chorava muito porque não conseguia. E quando chorava caía lágrimas no seu caderno, ficava molhado e ao apagar para fazer novamente o caderno rasgava e ela chorava mais ainda. Só parava um pouco de chorar quando eu me aproximava para ver o seu caderno, sentava ali ao seu lado. Então eu dava um tempo pertinho dela, conversava um pouco, dizia “você vai conseguir”. Aos poucos ela ia se acalmando. Era uma criança linda. Depois de alguns dias, mais tranquila, ela conseguiu fazer o numeral 2 bem bonitinho. A minha ex aluna Neidinha hoje mora em São Paulo e é professora e pedagoga. Tenho notícias dela através do Facebook.

Estou citando esse fato para dizer que através da boa relação, do “Educar e Cuidar” e do diálogo como fiz com esta aluna, consegui ficar bem próxima e com muita discrição e ela

¹ Bastão que se coloca para fazer o salto em altura.

aprendeu, superou a dificuldade sem ter que passar por vexame, como faziam as minhas professoras nos meus primeiros anos de escola. Propositalmente, minhas professoras deixavam os alunos passarem por vexame.

Ao ensinar se faz necessário entender as nuances que implicam em desânimos e entraves na vida de uma criança, isto é, “Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança que entre professores e alunos podemos aprender...” (FREIRE, 2010, p. 72). O professor não é um psicólogo, porém ele é gente que está em contato com gente.

4. FORMAÇÃO ACADÊMICA: GRANDE DESAFIO

Sempre acreditei que somente mudaria minha realidade com a educação. Gosto muito dessa frase de Freire: “A educação muda as pessoas, e as pessoas mudam o mundo”. Ela é bem conhecida e traz uma significância muito importante para todos, principalmente, para quem está inserido na área educacional e acredita que a educação transforma a sociedade quando o indivíduo se transforma.

Foi pensando no poder da educação que transforma que resolvi cursar uma Faculdade. Então ingressei na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Colatina, no Espírito Santo (FAFIC), em 1977, sempre acreditando que eu poderia contribuir mais para a sociedade na qual eu fazia parte. Meu intuito era ser uma professora com melhor formação e poder contribuir mais com os meus alunos na transformação da sociedade e também ter uma boa remuneração.

Porém, era muito difícil trabalhar dando aula em uma cidadezinha como Itamira e querer estudar na cidade de Colatina, que era muito distante, mas consegui conciliar. Trabalhava até quinta-feira e depois ia para a Faculdade estudar. Eu sabia que trabalhar na minha área, enquanto buscava mais formação era necessário.

Isso me fortaleceu e me motivou muito, pois eu queria ser uma professora mais capaz. Foi com muita batalha e humildade que superei vários desafios. Às vezes achava que era impossível prosseguir, mas seguia em frente lembrando sempre da minha mãe, grande incentivadora, que se esforçava o máximo pelos seus filhos. Lembro de um grande esforço que a minha mãe fez para conseguir uma vaga para o meu irmão cursar o Curso Técnico em Barracão de Petrópolis, em Santa Tereza no Espírito Santo. Ela ficou sabendo que o prefeito podia conseguir a vaga para meu irmão estudar. Teve notícias que o prefeito iria passar em Itamira. Então fez um sacrifício de ficar na praça esperando a passagem dele para fazer o pedido. Deu certo. Meu irmão recebeu uma carta de apresentação para ir estudar, mas teve que viajar 18 quilômetros a pé para levar a carta imediatamente para o responsável que controlava as vagas do colégio. Foi motivo de muita alegria para a nossa família.

As lembranças das marcas da educação repressora que recebi nos anos iniciais vinham à tona durante o ensino superior. Lembrava, por exemplo, das professoras da minha primeira

série, pegou meu caderno com uma cópia da cartilha que eu havia feito e mostrou para a classe toda dizendo que eu precisava de óculos de sola e riu das minhas letras. Aquilo foi muito humilhante, vexatório! Essa experiência me fez ficar uma pessoa insegura. E isso me fazia querer fazer diferente, ser competente na minha carreira. Tentava imprimir novo jeito de ser professora.

Era bem mais difícil naquela época, década de 70, fazer um curso superior do que atualmente. Até porque eram imensas as dificuldades, principalmente, com relação à distância. E existiam poucas universidades. O percurso para se chegar na instituição onde eu estudava era de um dia ou dois viajando de ônibus, dependendo de onde morava. Por isso muitas famílias achavam que fazendo o segundo grau estava bom demais. Essa dificuldade fazia as pessoas se acomodarem. Lembro que, em 1977, convidei duas colegas para encarmos o curso superior e elas acharam a proposta uma tolice. Disseram que não tinham mais coragem de enfrentar quatro anos de estudos e continuaram a ser professoras somente com o segundo grau, o Magistério.

Ainda assim continuei firme com o propósito de fazer a minha graduação em Geografia. Foram muitas dificuldades, não passava em todas as disciplinas então eu ficava sempre cursando disciplina do ano anterior. Conciliar trabalho e estudo é um desafio. Pois, mesmo tentando conciliar trabalho e estudo, enfrentando o tempo e o cansaço do dia-a-dia, eu uma estudante trabalhadora não conseguia alcançar a dedicação ao estudo necessário ao percurso acadêmico por isso, muitas vezes tive que ir mais vezes à faculdade. Tive ajuda de minhas colegas, principalmente, a Carminha. Era na sua casa que pernoitei e me hospedei, muitas vezes. Em 1980, consegui concluir a graduação em Licenciatura Plena em Geografia. Foram quatro anos de muita luta e persistência.

Em 1981 me casei com Luiz e continuei com mais desafios, ser esposa, educadora e mãe. Conciliei com muita dignidade estas funções, pois foram minhas escolhas. Tive o primeiro filho Thales e o segundo, Lucas.

5. CARREIRA DOCENTE EM RONDÔNIA.

No final ano de 1985 viemos para Rondônia. Eu, meu esposo e dois filhos. Era o sonho de muitas famílias conseguir terras por aqui, uma região nova e promissora. As dificuldades eram enormes, como a falta de energia, muita doença da malária e muitas intrigas por causa de terra. Diante desse cenário conflituoso, nos estabelecemos na rua 22 de novembro, em uma casa própria, em Ji-Paraná.

No início de 1986 fui contratada pelo Governo de Rondônia, como professora de Geografia para a antigo Supletivo, Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos (CEEJA) de Ji-Paraná, depois de uma análise de currículo, na qual fui bem-sucedida. Querendo trabalhar mais, me apresentei ao Centro Educacional São Paulo (CEDUSP) com o meu currículo. O colégio estava se preparando para iniciar as atividades em 1986 e precisava justamente de uma professora de Geografia. Fui contratada lá também. Naquela época eu ainda não tinha carro e o percurso ficava muito distante. Muitas vezes tinha que ir andando, porque o ônibus passava raramente. Trabalhei somente dois anos nesse Centro Educacional.

Na década de 80 o número de professores com curso superior em Rondônia ainda era muito reduzido. Era um tempo difícil. A energia elétrica era bem escassa. Tudo era mais complicado. Em 1993 fui trabalhar no colégio Porto Seguro, também em Ji-Paraná. Ministrei aulas de geografia e cultura religiosa para ensino fundamental. Nessa época, além dos dois filhos, já tinha mais uma filha, Allana. A escola tinha um público bem diferenciado, composto por alunos filhos da elite da sociedade local. Observei que havia um sentimento de ausência dos pais na vida daqueles alunos, pois alguns comentavam que os seus pais só queriam olhar o boletim e ver nota dez.

Foi muito bom trabalhar nessa escola, além de outros avanços, consegui bolsas de estudo para os meus filhos. Eu também como mãe procurei seguir o exemplo da minha mãe de não medir esforços para dar aos meus filhos condições de terem uma boa formação escolar. Todos estudaram e se formaram. Um filho é formado em medicina, a filha em direito e o outro está cursando medicina também.

No período que fui professora da rede estadual enfrentei desafios. Era década de 1980, salários atrasados, escolas destruídas. Não é fácil o professor fazer um ótimo trabalho com

escolas sucateadas, com salário injusto e em escolas sem equipamento adequado. Entretanto havia esforço do professor em motivar e ajudar os alunos.

Na Educação de Jovens e adultos (EJA), em que passei a atuar, um ponto muito importante que me fez trabalhar bem com os meus alunos que tinham dificuldade foi o diálogo. Lendo algumas teorias de Freire e outras, as quais citam a importância do diálogo. Aos poucos me encontrava envolvida nessa teoria tentando extrair dos alunos um pouco das ideias que eles tinham do estudar, de pensar no futuro. Procurei valorizar o que eles traziam de experiência. Respeitar seus pontos de vista e aprender, com Freire afirmava: “Minha segurança se finda na convicção de que sei algo e de que ignoro algo a que se junta a certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei” (FREIRE, 2010, p.135). Os alunos tinham uma certa dificuldade de ter um diálogo, mas conseguimos gradativamente ir construindo um diálogo e eles foram ficando mais à vontade para questionar e tirar suas dúvidas.

Falando em Educação de Jovens e adultos, avançaram os tempos e a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 veio contribuir muito com o processo educacional no Brasil. Esses novos mecanismos vieram para garantir uma educação pública para todos, uma educação democrática embora ainda haja inúmeros gargalos dificultando sua eficácia, como falta de bons gestores, de bons professores, falta de um salário justo para o professor e de escolas bem equipadas, entre outros problemas. A nova LDB, no entanto, facilitou o acesso de profissionais da educação, de alunos, pais e comunidade para contribuir na gestão da educacional. E assim a educação vem avançando e dando sinais de melhoras.

Lembro de um fato que ocorreu com um aluno do 6º ano, que estava sendo rotulado de “bicha”. Foi a situação mais incômoda para mim. Então chamei o coleguinha dele a sós e depois o chamei também para uma conversa com a diretora. Conversamos e aproveitei depois para conversar com a classe e falar sobre o assunto, citando uma frase apenas “Não faça ao outro aquilo que não quer que seja feito à você.” Depois de uma boa conversa. Ficou tudo resolvido. E fiz um convite para nos reunirmos e conversarmos com alguns professores e alunos para pensarmos juntos como fazer criar na escola um clima de comunidade.

A revista Nova escola sempre traz excelentes matérias que contribuem muito na reflexão do professor, então estou sempre atenta. Na Revista de agosto de 2016 dois questionamentos apresentados foram importantes para mim: O que fazer se um aluno LGBT

é xingado ou agredido por um colega? A resposta é simples: o mesmo que em outros conflitos, ou seja, é necessário mediá-lo e encontrar uma maneira de retratação. Piadas e brincadeiras “inocentes” também contam como agressão. Na conversa, a atenção deve ser redobrada para não culpar o agredido pelo ataque (é comum que o “jeito” do aluno seja questionado). Por fim, a reportagem salienta que a tolerância precisa ser tratada de maneira mais sistemática na instituição.

Esse assunto é bem complexo, por isso exige de todos um clima de respeito e escuta sem julgamento e punições para que se sintam bem acolhidos. Faço minhas as palavras da filósofa Viviane Mosé (2017, p 1), “não basta tolerar, aceitar as diferenças, é necessário entender que elas precisam existir, elas são necessárias para a minha convivência, não se trata de caridade e aceitação”. Antes de trabalhar essa temática na escola foi preciso eu me questionar como educadora e pedagoga que sou.

6. UMA GRANDE CONQUISTA ESPERADA

No ano 2000 conquistei minha aposentadoria por tempo de serviço. Como eu já tinha trazido do Espírito Santo 14 anos de serviço não demorou muito. Veio no tempo certo. Estava trabalhando na Escola Gonçalves Dias. Foram bons anos de trabalho na escola, fizemos turismo com os alunos do 8º ano para conhecer alguns pontos turísticos importantes em Porto Velho, fomos conhecer o Forte Príncipe da Beira, em Costa Marques. Dias maravilhosos.

No ano de 2002, a pequena empresa do meu esposo não estava bem e resolvemos ir para os Estados Unidos da América fazer um “pé de meia”. Moramos no Estado de Massachussets, cidade de Salem. Como eu já estava aposentada, não tive muita preocupação. Pena que eu não sabia inglês para ter um melhor desempenho nos trabalhos e melhores relações com os americanos. Mesmo assim tenho o contato de uma família americana. Nos comunicamos sempre. A minha filha estava com treze anos e foi cursar o sétimo ano. Ela sofreu muito no começo porque não sabia inglês. Chorava, falava que não queria estudar, mas aos poucos ela foi aprendendo a língua e se adaptou.

Nesse período observei que o ensino dos EUA apresenta muita diferença do nosso ensino brasileiro como o número de alunos em sala de aula. Por exemplo, a sala de aula da minha filha eram apenas 16 alunos. Cada orientador educacional acompanhava um grupinho de alunos, da letra A ao G, por exemplo. O aluno fazia as disciplinas básicas e optava por outras. A minha filha optou por teatro e informática. Era tudo baseado na prática, por isso as salas eram equipadas para cada disciplina. Lá são os alunos que trocam de sala. Achei bem interessante. Foi uma experiência muito válida. A minha filha aprendeu muito bem o inglês

No ano de 2009 fui trabalhar na Diocese de Ji-Paraná em um projeto que atendia os meninos e meninas em conflito com a Lei. Essa experiência complementou minha vida profissional uma vez que a superação dessa problemática se fazia necessária pois trabalhei com o ensino médio e percebia a inoperância da escola em relação a essa temática.

O conhecimento de quais fatores de risco ou de proteção influenciam ou protegem jovens de apresentar comportamentos agressivos, e como tais fatores poderiam acarretar em infrações à lei, ou diminuí-las, é fundamental para se propor projetos de intervenção e prevenção. A socialização de tais adolescentes e, principalmente, a prevenção do ato

infracional são questões que urgem respostas e esforços e a escola não pode se eximir da sua parte nessa caminhada.

Lembro que quando trabalhei com adolescentes em conflito com a lei, pude perceber o quanto a escola é injusta, porque conseguir vaga para um adolescente nessa situação era complicado demais. Não obstante, o Estatuto da Criança e do Adolescente preconiza no seu artigo 206 que “o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:§1- igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.” (BRASIL, 2010, p.13) Muitas vezes esses adolescentes não conseguiam vaga na escola próxima da sua casa e às vezes em nenhuma escola. Era preciso ir até lá e explicar a situação que a os meninos e as meninas estavam vivendo para que fossem aceitos (as). Mesmo assim, nada era feito para que permanecessem na escola, porque depois de alguns meses recebíamos a notícia que tinham desistido de estudar. Que situação preocupante para a sociedade. Hoje ficamos questionando a dimensão que a violência está tomando em nosso meio. Digo que o principal fator dessa situação é a falta de uma educação atrativa para adolescentes e jovens, por isso “no Brasil, a situação de baixa escolaridade do adolescente em conflito com a Lei replica os dados da América do Norte: quase a totalidade dos adolescentes que estão cumprindo alguma medida socioeducativa abandonou os estudos muito cedo” (GALLO; CAVALCANTTE; 2005, p. 03).

Concordo com Pereira e Mestriner (1999) quando afirmam que a fuga da escola deve-se à ineficácia dos métodos educacionais em sua totalidade, por falhar em ensinar as habilidades acadêmicas necessárias, e também à exclusão social por parte dos colegas e professores da escola. Por serem tachados de alunos problemáticos, colegas agressivos e outros estereótipos estigmatizastes, tais adolescentes evadem-se das escolas e preferem assumir a "identidade do bandido" (PEREIRA; MESTRINER, 1999).

Foi uma experiência que valeu muito para mim e hoje avaliando a minha trajetória penso que a escola precisa ser receptiva, alegre, para proporcionar ao aluno a satisfação de estudar ali. Precisa rever seu currículo e trazer pressupostos educacionais significativos.

7. PEDAGOGIA: MAIS CONHECIMENTOS PARA IR ALÉM.

Em 2011 o jovem Luciano, que trabalha na Diocese de Ji-Paraná, me falou da UNIR/UAB. Ele havia feito pedagogia e me falou do curso. Como sempre sonhei em fazer pedagogia e já estava aposentada, resolvi fazer o vestibular. Mesmo que fosse para testar os meus conhecimentos, até porque terminei minha graduação em geografia em 1980 e sentia uma grande vontade de estudar. Então fiz o vestibular da UNIR/UAB e fiquei no 12º lugar entre os 50 alunos. Fiquei muito feliz e empolgada para estudar. Confesso que no início foi muito complicado. Faltava muita comunicação. E eu entendia pouco da tecnologia, então para mim era mais complicado. Mas se “é fazendo que se aprende”, fui fazendo, errando e aprendendo. A princípio encontrei muita dificuldade e perdi um pouco o entusiasmo, mas segui em frente. Depois houve uma greve na Unir que causou mais desânimo, pois o curso ficou parado. Mas não desisti. Como diz Paulo Freire: “Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade” (2010, p.91)

A valorização do professor sempre foi baixa e isso muitas vezes queria me abater, mas segui em frente, querendo buscar mais conhecimentos na área educacional e ser um professor competente. Quando se tem competência, se tem segurança e autoridade. E assim resolvi seguir com determinação.

Como diz Vitor Henrique Paro (1992, p. 103), “o homem é em sua porção natural aquilo que ele produz”. E aquilo que ele produz modifica permanentemente seu meio. Portanto o indivíduo tem que conhecer o mundo ao seu redor, e para isso o professor deve ser essa ponte, esse elo, e o ser humano tem que aprender superar as barreiras das desigualdades sociais, econômicas, culturais e políticas. Para isso ele tem que querer, e buscar o caminho mais viável que é a educação. Pois é a educação que eleva o ser humano

Escrevo aqui nesse memorial, que foi de grande relevância fazer o curso de pedagogia. Para me permitir ir mais além, sonhar com um mestrado, escrever um livro, etc. Entendo que é a educação que estreita as fronteiras, que aproxima pessoas, é a educação que vai abrir novos horizontes e ajudar sanar preconceitos, entre outros. De fato, a educação me fez enxergar novos horizontes. Por isso quero proporcionar quem se aproximar de mim, fazer ver

o leque de possibilidades que a educação pode proporcionar ao indivíduo. Para isso a instituição precisa desempenhar bem o seu papel de ensinar, e me refiro também às universidades que devem fazer um planejamento pedagógico a contento para que de fato se realize um trabalho bem planejado. Faz-se necessário o educador se conscientizar de que a aprendizagem se consolida com a participação das diversas esferas da sociedade, não se limitando apenas à sala de aula.

Desse modo, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 54), a construção do conhecimento é um processo que não pode ser isolado da realidade que o aluno está inserido, deixando claro que, além da escola os alunos recebem diversas influências para a construção de saberes, como, da mídia, a família, a igreja, os amigos, que são também fontes da influência educativa que incidem sobre o processo da construção de significado dos conteúdos. Tudo isso é importante, normalmente somam-se ao processo de aprendizagem escolar.

Penso que a escola deve motivar os seus alunos para a vida. Formar cidadãos que participem da sociedade, sendo protagonistas de suas histórias. Paulo Freire considera que o docente não deve se limitar ao ensinamento dos conteúdos, mas, sobretudo, ensinar a pensar, pois “pensar é não estarmos demasiado certos de nossas certezas”. (FREIRE, 2010, p. 28). Quando pensamos de maneira adequada nos colocamos como sujeitos históricos, conhecendo nos próprios e também conhecendo e desbravando o mundo intervindo sobre o mesmo, isto é, aprende-se a partir dos conhecimentos existentes e daqueles que serão ressignificados mais adiante.

No decorrer desse curso tive a oportunidade de ler bastante material, ver muitos vídeos, todos fazendo refletir sobre o processo educacional brasileiro, gestão democrática, a educação etc. Coisas riquíssimas dentre elas. As obras freirianas, as quais citei nesse trabalho e outros autores que enriquecem a minha prática.

Esse curso proporcionou grande reflexão em vários pontos, no que tange as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, sendo a primeira etapa da educação básica oferecidas em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos, que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social.

Nesse sentido, como Pedagoga que agora sou, percebo que a legislação está aí porém na prática caminha-se ainda em passos lentos quanto aos direitos a creches com atendimento educacional de qualidade. Como educadora que sou não posso eximir-me da minha responsabilidade em fazer acontecer no espaço que eu estiver o que é de direito à cidadania dessas crianças.

Ainda como parte da minha formação nesse curso vale um vídeo que fiz com o título Educação para a Cidadania, do Seminário Temático VI, o mesmo diz: “A formação do professor precisa alimentar-se constantemente pelo ensino e pela pesquisa”. Para a produção deste vídeo, inspirei-me em Nóvoa quando afirma que:

Os currículos de formação de profissionais deveriam propiciar o desenvolvimento da capacidade de refletir [...], no sentido de estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de auto formação participada. A formação do professor se constrói pela reflexão crítica sobre sua própria prática, na busca pela construção da sua identidade pessoal e profissional, fortalecida pela criação de redes coletivas de trabalho, em que experiências e saberes são compartilhados de forma mútua. A formação passa pela experimentação, inovação, ensaio de novas formas de trabalho pedagógico, reflexão crítica sobre a sua utilização e investigação articulada diretamente com a prática educativa, em que o professor assume o papel de protagonista da profissão docente. (1992, p.25)

Como salienta o autor, a formação do professor se constrói de fato pela reflexão crítica. Assim como a do aluno também. Por isso é importante despertar o aluno para o pensamento reflexivo. Aí fica a pergunta que não quer calar. Por que o ensino brasileiro ainda anda mal? É necessário e urgente que os gestores busquem mais conhecimentos para que os novos pedagogos adquiram mais competências e assim muitos profissionais deixem de ser “meia boca”, como frisou em sua fala o professor Wendell, que nos alertou para aprofundamento nos estudos, conhecer melhor os teóricos citados. E é verdade, por isso que a Educação brasileira ainda não alcançou um bom patamar, mas acredito que venceremos as grandes lutas travadas nessa trajetória acadêmica.

O cansaço e o desânimo não foram em vão. Hoje, me considero uma mulher vitoriosa e uma professora mais completa. Mas é importante ressaltar que, embora tenha alcançado essa conquista, tenho ciência de que é preciso prosseguir em busca de novos conhecimentos. Como diz o grande Sócrates: “Só sei que nada sei”, sendo assim reafirmo o pensamento freiriano, que sou consciente do meu inacabamento e como pessoa inconclusa permanecerei sempre em busca do conhecimento.

7.1. Estágio em Pedagogia

O estágio me fez rememorar, os meus primeiros estágios na minha formação de licenciatura em geografia, O frio na barriga é o mesmo. Ser pedagoga não é mesma coisa de ser licenciada em geografia. Agora preciso compreender vários saberes: como a criança aprende? Como ela se relaciona com o mundo? Como ela compreende a escola? Como ela se descobre como sujeito? Esse conhecimento não tive em Geografia.

O meu estágio na Educação Infantil foi muito relevante, pude ver esse “cuidar e educar” bem de perto, principalmente na creche em que estagiei. As docentes pegavam no colo aquelas crianças que às vezes já chegavam precisando de um carinho maior. E que aos poucos elas iam se acalmando. Lembro de uma criança para quem a professora deu um colinho e logo ela dormiu. Certamente já chegou com sono...

Entendo que a proximidade entre professor e aluno é importante. Uma pesquisa publicada em 2016 revelou que, no Brasil, mais de 500 pessoas consideram que um bom professor é aquele que constrói uma relação mais estreita, vê nas relações confiança, paciência e profissionalismo como essenciais para o melhor aprendizado e desenvolvimento dos alunos dos ensinos primário, fundamental I e II, médio, superior e pós-graduados (CARRIEL, 2010)

Sempre lembro que as experiências positivas ou negativas podem impulsionar ou tolher o desenvolvimento, principalmente, nos primeiros anos de escola. Daí a importância da boa qualidade nas relações com as crianças. Por isso ganhei a confiança deles e dos seus pais. Organizava passeios com os alunos e equipe de professores. Havia uma interação muito boa entre a comunidade escolar e equipe gestora. Nunca uma situação fugiu do meu controle com meus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O educador Paulo Freire (2010) considera que o “docente não deve se limitar ao ensinamento dos conteúdos, mas sobretudo, ensinar a pensar, pois pensar é não estarmos demasiados certos de nossas certezas”. Nessa trajetória acadêmica e de professora aprendi que nossa função vai além do estar em sala de aula. Não basta ser professor ou professora é preciso ter consciência do nosso papel no mundo e nos compreender dentro de um processo sempre inconcluso pois é essa consciência que nos possibilita crescer.

Fazendo com uma análise dessas trajetórias concluo que hoje a Educação brasileira avançou. Estamos em pleno século XXI e grandes avanços com a Nova Lei de Diretrizes e Bases, a qual tem base para oportunizar ao indivíduo construir o seu caminho.

Considero esse Memorial uma autoavaliação de suma importância para se reescrever uma nova forma de fazer a educação, um novo jeito de ensinar e ser um profissional com novas práticas de ensino que possa colocar o aluno como o protagonista da sua história e do mundo que o cerca, por fim, um novo jeito de construir cidadania acreditando que o indivíduo é capaz. Lembrando dos ensinamentos que recebi nos primeiros anos de estudos, assim como eu, muitos receberam também a repressão com uso da vara, palmatória e o castigo de joelho nos carços de milho. Essas lembranças me fazem questionar: Será que esses mestres não foram alfabetizados da mesma forma?

Durante as observações e nas regências, percebi que a maioria das crianças tinham certo grau de carência afetiva e isso chamou atenção e ocasionou uma aproximação com as mesmas criando assim, um vínculo de carinho e amizade com todas elas. Percebemos, portanto, que se pode educar cuidando e vice-versa e que isto é de extrema importância para a formação da criança.

Enfim, valeu apenas fazer esse curso. Foram longos caminhos de correria, de atropelos, de ansiedade, de reflexão, de alegrias que foram me conduzindo para as salas dos pequeninos do jardim I, jardim II, séries iniciais do Ensino Fundamental, 4º e 5º ano. Correria para a biblioteca/Uab auditório, secretaria/Uab, ligação para a nossa tutora, para a secretária. Nas minhas viagens levava sempre as palavras de Rubem Alves, Paulo Freire, Selma Garrido

Pimenta, Guimarães Rosa, do ECA, da LDB, e outros. Lembranças das professorinhas dos anos iniciais, entre outros.

Nas minhas férias sempre estava acompanhada dos meus estudos, da minha Plataforma. Não foi fácil, mas como dizia minha mãe, “não existe vitória sem luta”. E assim realizei esse grande sonho. Meu curso de pedagogia. A minha mãe, minha luz, meu espelho, meu porto seguro a dona Flor, está com 88 anos, foi acometida pelo mal de Alzheimer, há 6 anos, não tem mais condições de entender o que está acontecendo. Mora no Espírito Santo com um filho, mas virá para Ji-Paraná ainda esse ano morar comigo e ficar sob meus cuidados. Terei grande gratidão à minha mãe que tanto batalhou e me ensinou.

Escrever esse memorial foi um sobrevoos na minha história. Agora me vejo nessa trajetória com um olhar de aprendiz, construí minha vida profissional e me emponderei como mulher e profissional. Sou capaz de fortalecer novos educadores que iniciam essa jornada agora na luta de fazer permanecer os ideais de democracia mesmo em dias sombrios que no momento nosso país enfrenta. Não é ironia do destino, iniciei com uma educação sombria em tempos de ditadura e termino com esperança de que a educação fosse as armas nesses dias difíceis em que o povo brasileiro enfrenta. Não é possível encerrar esse memorial na neutralidade, sou professora a minha neutralidade me descaracterizaria de mim mesma.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbetes Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização). *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil*. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/mobral-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao/>>. Acesso em: 08 de nov. 2017

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. v. 1, Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARRIEL, Eliane. A preocupação com a Educação Continuada do professor garante boas práticas de trabalho, gestão eficaz e qualidade de ensino. *Revista NOVA ESCOLA*. Pag.17 Agosto. Editora Abril. São Paulo. 2016.

Estatuto da Criança e do Adolescente. Pag.13, 2010.7ª Edição

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 26º Ed. RJ: Paz e Terra, 2002.

_____. Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa – São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GALEANO, Eduardo. In: BIRRI, Fernando. Para que serve a utopia. *Revista Prosa Verbo e Arte*. 26 de mar de 2017. Disponível em: <http://www.revistaprosaversoarte.com/para-que-serve-a-utopia-eduardo-galeano>. Acesso em novembro de 2017.

GALLO, Alex Eduardo; CAVALCANTTE, Lúcia Willians. **Adolescentes em conflito com a lei: uma revisão dos fatores de risco para a conduta infracional**. *Psicologia: teoria e prática versão impressa* ISSN 1516-3687. **Psicol. Teor. Prat. v.7 n.1 São Paulo jun. 2005**

MOSÉ, Viviane. Educação e pensamento não textos decorados. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/paginasazuis/2017/03/para-viviane-mose-educacao-e-pensamento-nao-textos-decorados.html> Acesso em novembro de 2017.

NÓVOA, A. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. *Teoria & Educação*. 1991 n. 4, p.109-139.

OGURA, Paulo Tiago - **Aluno é uma tabula rasa ou não**. 2015. Disponível em <http://www.educadoresonline.com.br/fique-por-dentro/psicologia-e-educacao/o-aluno-e-uma-tabula-rasa-ou-nao>. Acessado em: 02 nov. 2017.

PARO, Vitor Henrique. *A Natureza do Trabalho Pedagógico*. 1992

PEREIRA, I., MESTRINER, M. L. **Liberdade assistida e prestação de serviços à comunidade:** Medidas de inclusão social voltadas a adolescentes autores de ato infracional. São Paulo: IEE/PUC-SP e FEBEM-SP. 1999.

REVISTA OLINE. **Os desafios de trabalhar e estudar ao mesmo tempo.** Postagem Jan. 2016. Disponível em: <http://blog.usjt.br/os-desafios-de-trabalhar-e-estudar-ao-mesmo-tempo/> Acessado em: 05 nov., 2017.

SILVA, A. P. S.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Adolescente autor de ato infracional e medidas sócio-educativas em Ribeirão Preto (SP). **III Congresso Ibero-Americano de Psicologia Jurídica, Resumos, 25-27.** 1999.

OLIVEIRA, Leticia Borges de Sauloéber; SOUZA Tárσιο de A alfabetização no Mobral, métodos e materiais didáticos (Uberlândia/MG, 1970-1985)Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa. v. 7, n. 13. 2013. Disponível: <https://www.revistas.usp.br/reaa/article/viewFile/45617/49216> Acesso em novembro de 2017.